

Diplomacia cultural debatida em Paris

Os desafios mundiais impõem uma visão mais ampla para a diplomacia cultural da Europa do que aquela que Joseph Nye definiu para esse tipo de ação - o de ser uma 'diplomacia de influência' (*soft power*).

Esta posição foi expressa pela Presidente do Instituto Camões (IC), Ana Paula Laborinho, no Collège de France, em Paris, no colóquio internacional *Diplomacia Cultural - um ativo da França num mundo em transformação*, promovido a 12 e 13 de dezembro pelo Instituto Francês e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e Europeus de França.

Ana Paula Laborinho, na qualidade de Presidente da EUNIC (Rede dos Institutos Nacionais de Cultura da União Europeia), proferiu um dos discursos de

abertura do painel 'A Diplomacia Cultural e as Mutações do Mundo', que incidiu sobre questões relativas à diplomacia cultural na Europa.

A Presidente do IC defendeu que a mutação acelerada das sociedades e dos centros de poder a nível mundial impõem um novo entendimento da diplomacia cultural, aberta a outros modos de pensamento e a outras competências. Nesse sentido, a diplomacia cultural tem-se aberto às trocas económicas, se se pensar, por exemplo, nas indústrias culturais e criativas, mas também os programas que relançam temas mundiais (ambiente, desenvolvimento, conflitos) estão hoje em dia no seu perímetro.

Numa outra linha, a Presidente do IC e da EUNIC

advogou uma visão que aposta numa diplomacia cultural de cooperação institucional baseada no mutualismo, ou seja nas trocas, e que encoraja as parcerias entre organizações da sociedade civil e as redes sociais consideradas como parceiros da diplomacia pública.

«É evidente também a mutação na geografia (geopolítica) desta diplomacia cultural interessada nas grandes mutações societárias», adiantou ainda Ana Paula Laborinho, que traçou na sua intervenção o papel da EUNIC, criada em janeiro de 2006, antes mesmo do serviço europeu de ação externa (EEAS).

A EUNIC, disse, é o resultado de uma política de cooperação cultural entre os Estados membros da UE, que compreenderam que



Collège de France

eram muito mais do que a soma das partes.

A geografia da rede, acrescentou, está em vias de se alargar da Europa, onde começou, para todas as regiões (da China, Vietname, a Moçambique, Namíbia, Zimbabué, Canadá, Brasil e Peru). «A nossa força é o resultado de um trabalho

de cooperação entre os Estados membros e também com os nossos parceiros locais», explicou.

No painel introdutório em que participou a Presidente do IC, tiveram também a palavra Bruno Racine, Diretor da Biblioteca Nacional francesa, e a linguísta e psicanalista Júlia Kristeva, professora jubilada da Universidade Paris-Diderot.

O painel desenvolveu-se em duas mesas redondas onde foram abordados os seguintes subtemas: A diplomacia cultural nas diplomacias de influência e a geopolítica das diplomacias culturais.

Outros grandes temas tratados por uma pléiade de especialistas foram 'Cultura e Economia: O Papel das Indústrias Culturais', 'Políticas Culturais, Luta Contra a Pobreza e a Teia das Civilizações', 'Tradução e Multilinguismo', 'Diplomacia Cultural e Apoio à Criação', 'Ideias, Saberes e Diplomacia Cultural', 'Digital: Novos Espaços de Divulgação, Novos Espaços de Debate'.